

Meditações: XIV domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

Reflexão para meditar no XXIV domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: entusiasmo e desânimo na missão apostólica; o consolo da memória; com olhos de eternidade.

- Entusiasmo e desânimo na missão apostólica.
 - O consolo da memória.
 - Com olhos de eternidade.
-

NUMA OCASIÃO, o Senhor designou setenta e dois discípulos para que, de dois a dois, fossem diante dele a todas as cidades e preparassem a sua chegada (cf. Lc 10, 1-2). Também hoje Cristo conta connosco para que muitas pessoas recebam a mensagem do Evangelho. Perante esta missão, podemos reagir de duas formas. Por um lado, é natural sentirmo-nos entusiasmados com a possibilidade de partilhar com quem nos rodeia a chave da nossa felicidade. Não se trata apenas de transmitir conhecimentos ou práticas, mas sobretudo de comunicar um gozo que «enche o coração e a vida inteira»^[1]. Esta é a alegria do encontro com Cristo. Só assim «somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a

fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?»^[2].

Por outro lado, a perspetiva de levar o Evangelho por todo o mundo pode provocar certo desânimo, pois não são poucas as dificuldades com que os discípulos se confrontam: incompreensões, grandes esforços sem resultados aparentes, falta de meios... Nestes momentos, podemos considerar-nos apenas instrumentos: o mais importante não é o que fazemos, mas que é Jesus quem age através de nós. Ao fim e ao cabo, não atuamos em nome próprio, mas em nome de Cristo. Como escreveu São Josemaria: «Superavas-te ante as dificuldades do apostolado, orando assim: “Senhor, Tu és o de sempre. Dá-me a fé daqueles varões que

souberam corresponder à tua graça e que fizeram – no teu Nome – grandes milagres, verdadeiros prodígios...”. E concluías: “sei que os farás; mas também me consta que queres que te peçam, que queres que te procuremos, que batamos com força às portas do teu Coração”»^[3].

A AVENTURA apostólica envolve riscos. Às vezes, há feridas. Mas isso não deve surpreender-nos, pois, como escreve São Paulo na segunda leitura, «levo no meu corpo as marcas de Jesus» (Gl 6, 17). Tal como os escravos da antiguidade eram marcados para indicar a quem pertenciam, São Paulo declara-se propriedade de Deus e marcado pela cruz. As contrariedades fazem parte do percurso de qualquer apóstolo. Ainda assim, por mais dificuldades que enfrentemos, agimos com a

confiança de que somos filhos de Deus. Por isso, podemos dizer que temos as costas bem guardadas: o bem que recebemos e o mal que sofremos fazem parte do plano divino para o nosso crescimento. Por isso Isaías afirma: «Como a mãe consola o seu filho, assim Eu vos consolarei» (Is 66, 13). As crianças compreendem bem isto: uma queda de bicicleta vale o consolo amoroso de uma mãe.

Os discípulos experimentaram essa proteção nas primeiras missões: «Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: “Senhor, até os demónios se sujeitaram a nós, em teu nome!”» (Lc 10, 17). Eles estavam radiantes, esqueceram as privações, pois guardavam no coração recordações maravilhosas. Também nós, quando experimentamos a alegria de evangelizar, podemos conservar na memória tais episódios: a descoberta

da vocação, a ajuda a alguém a encontrar Jesus, o sabor da fraternidade cristã, a presença de Deus em momentos difíceis... «Não esquecermos estes momentos: temos de voltar atrás e retomá-los, pois são momentos de inspiração. (...) A memória não é só um voltar atrás, mas é um voltar atrás para ir em frente. Memória e esperança caminham juntas. São complementares, completam-se. Lembra-te de Jesus Cristo, o Senhor que veio, que me resgatou e que há de vir, o Senhor da memória, o Senhor da esperança. Hoje, cada um de nós pode refletir por alguns minutos para se questionar como está a própria memória, a memória dos momentos em que encontrou o Senhor»^[4].

AO REGRESSAR da missão, os discípulos perceberam que eles próprios podiam ser continuadores de Jesus no mundo. Assim, além de garantirem a vida mais feliz possível na Terra, sentiam-se confiantes de que se preparavam para a felicidade eterna. «Não vos alegrais porque os espíritos vos obedecem – diz-lhes o Senhor –; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos no Céu» (Lc 10, 20). Ter uma visão mais elevada, reconhecer que a nossa missão se situa na eternidade, ajuda-nos a relativizar sucessos ou fracassos. São Josemaria comentava: «Visão sobrenatural! Calma! Paz! Olha assim para as pessoas, para as coisas, para os acontecimentos..., com olhos de eternidade. Então, qualquer muro que te feche a passagem – mesmo que, humanamente falando, seja de respeito –, logo que levantes de verdade os olhos para o Céu, que pouca coisa é!»^[5].

Esta realidade vê-se nas vidas dos santos. Muitos viveram situações complicadas, mas souberam acolhê-las com alegria, serenidade e até sentido de humor. E agora, no Céu, podemos supor que relativizam esses momentos: todas as dificuldades que atravessaram são pequenas comparadas com a bem-aventurança de contemplar Deus face a face. De igual modo, nas contrariedades da missão apostólica, podemos pensar que Deus está a gravar o nosso nome no céu. Esses obstáculos desaparecerão, mas a felicidade do Paraíso será eterna.

«Bebamos até à última gota o cálice da dor na pobre vida presente. – Que importa padecer dez, vinte, cinquenta anos... se depois vem o Céu para sempre, para sempre... para sempre? E sobretudo, melhor do que a razão apontada, “*propter retributionem*”, que importa padecer, se se padece para consolar, para dar gosto a Deus Nosso Senhor, com

espírito de reparação, unido a Ele na sua Cruz... Numa palavra: se se padece por Amor?...»^[6]. A Virgem Maria dar-nos-á a ajuda necessária para permanecermos junto do Seu Filho e alegrar-nos porque os nossos nomes estão escritos no Céu.

[1] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 1.

[2] *Ibid.*, n. 8.

[3] São Josemaria, *Forja*, n. 653.

[4] Francisco, Meditação matutina de 07/06/2018.

[5] São Josemaria, *Forja*, n. 996.

[6] São Josemaria, *Caminho*, n. 182.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/meditation/
meditacoes-xiv-domingo-do-tempo-
comum-ciclo-c/](https://opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-xiv-domingo-do-tempo-comum-ciclo-c/) (18/01/2026)